

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: 363
Data 05/12/1988 Pg.: _____

ECOLOGIA

Inventário da floresta

Antologia reúne os ensaios que deram o alarme para a preservação das florestas tropicais na década de 80

■ **Amazônia, Adeus**, organizado por Gianfranco Bologna, tradução de Raffaella de Filippis. Nova Fronteira, 288 p. Cr\$ 1.490,00.

Frederico Füllgraff

Pouco mais de um ano nos separa ainda da 2ª Conferência Mundial sobre Meio Ambiente & Desenvolvimento (Unced 92) que será realizada no Rio de Janeiro sob os auspícios da ONU, e é incipiente, senão insignificante, principalmente no tocante à atualidade, a produção autoral e editorial brasileira sobre a temática específica das florestas tropicais que continuam principalmente na alça de mira editorial dos países industrializados.

Embora ainda impere a desinformação entre ecologistas e ambientalistas brasileiros no que diz respeito à pauta definitiva da UNCED 92, é desde já provável que nesta conferência será adotada uma *Convenção Global de Proteção do Clima Terrestre*. Uma das vigas-mestras desta convenção será um Plano Global de Preservação das Florestas Tropicais ou Pluviais (*rainforests*), das quais um terço encontra-se em território brasileiro.

A preocupação pelo seu futuro evoluiu, de 1985 em diante, para um embate no sentido Norte-Sul, contrapondo interesses e necessidades dos países industrializados e desenvolvidos. A defesa da camada de ozônio, a redução da emissão de gases de origem fóssil (gases-de-efeito-estufa) e a preservação das florestas tropicais/pluviais constituem o trinômio de uma pauta global que deverá animar a UNCED 92 a aprovar a referida convenção internacional pela defesa do clima terrestre. É neste contexto que se insere a publicação de *Amazônia, adeus* e faz desta antologia uma contribuição de grande atualidade.

A ignorância e a ganância foram as molas propulsoras da grande devastação que se agravou de 1980 em diante. Já reduzido pela metade até 1980, o inventário das florestas tropicais foi então fixado em 19,4 milhões de km², caso a devastação não seja revertida nas próximas décadas. Pela totalização feita em 1986 por Norma Myers, um dos autores de *Amazônia, adeus*, na realidade, hoje, as reservas de floresta tropical não passam de 7,7835 km², ou seja, menos da metade estimada pela FAO. A crítica formulada à FAO pela comunidade científica é de que em seus cálculos a entidade computou apenas as florestas inteiramente devastadas, desprezando o chamado "corte seletivo" (ou *manejo florestal*) e as áreas inteiramente degradadas.

Conclusão do eminente consultor da ONU, Norman Myers: "O desmatamento tropical pode conduzir à ruptura dos modelos climáticos de regiões (também) muito distantes dos trópicos úmidos". Em *Amazônia, adeus*, Myers está representado com um ensaio intitulado *Desmatamento tropical e variações climáticas*, originalmente publicado em 1988 pela revista *Environmental Conservation*, em que retoma e reafirma as tendências por ele discutidas num ensaio de 1980, publicado na Academia de Ciências dos EUA. Durante a década passada, Myers dedicou-se à observação dos efeitos do desmatamento a nível local e choca-se com alguns cenários:

- Na Malásia peninsular foram abandonados cerca de 20 mil hectares por arrazoal provocando um déficit da ordem de 27,5% na produção de arroz da península;
- Na Costa do Marfim (África Ocidental) houve uma redução de 60% para 30% dos valores da

evapotranspiração no decurso dos últimos trinta anos, provocando o abandono massivo das plantações de cacau; - No noroeste da Costa Rica verificou-se no espaço dos últimos 40 a 50 anos uma queda vertiginosa das precipitações de chuva em virtude dos desmatamentos.

O mesmo poderá ocorrer a qualquer momento em Manaus, onde 50% da evapotranspiração origina-se na floresta, se esta for sensivelmente atingida pelos desmatamentos na região. Entre as variáveis resultantes do desmatamento que, em ação conjugada, provocariam alterações climáticas, Myers cita ainda a escabrosidade superficial da Terra, cujo fator determinante são as árvores. Uma vez desmatadas, elas facilitam a ação dos ventos, originando o fenômeno da *erosão eólica*. Outra variável é o aumento do *efeito albedo*, isto é, a capacidade difusora da superfície terrestre, cuja temperatura aumentaria em virtude dos desmatamentos, provocando decontrolés climáticos.

Andrew D. Johns (zoológico da Universidade de Aberdeen/Inglaterra e consultor da WWF - World Wildlife Foundation), Dennis Mahar (pesquisador e consultor do Bird - Banco Mundial) e o gaúcho José Lutzenberger (secretário de Estado do Meio Ambiente do governo Collor) analisam e discutem as políticas do planejamento governamental e seus efeitos sobre a flora e a fauna amazônicas. É muito oportuna a reprodução de um pequeno mapa da bacia amazônica no ensaio de Johns, que ilustra o *abraço da morte* que a Amazônia vem sofrendo pelo resto do país, no sentido leste-oeste (a partir do Nordeste) e sul-norte (a partir da região central), que justifica o emprego do conceito *endocolonialismo*, isto é, desordem ecológica instituída na Amazônia e *made in Brazil*.

É Dennis Mahar quem mergulha fundo nas águas represadas das *mega-hidrelétricas*, na tentativa de garimpar e resgatar as origens políticas dos assim chamados *grandes projetos* da Amazônia. Seu diagnóstico não é original mas reitera as observações de outros técnicos, nacionais e estrangeiros, a respeito das principais causas do desmatamento: agricultura itinerante, exploração comercial massiva de madeira-de-lei, agropecuária e mineração.

Conclusão: as razões básicas da *Operação Amazônia* eram sobretudo de ordem geopolítica: vários países vizinhos já haviam



Família invade um castanhal: a migração desordenada aperta o abraço da morte do país na Amazônia.

aprovado programas para a ocupação e o desenvolvimento de suas respectivas regiões amazônicas, e os chefes militares brasileiros não viam a hora de garantir a soberania nacional criando assentamentos auto-suficientes nas zonas fronteiriças... O que, no entanto, não foi levado em conta foi a necessidade de elaborar uma estratégia de desenvolvimento econômico que respondesse ao ambiente único, do ponto de vista tanto físico como humano da Amazônia. O governo José Sarney manteve-se dentro desta continuidade. Na verdade, quando lançado o Programa *Nossa Natureza*, a devastação da floresta úmida havia atingido 343.900 km² ou 9,3% de sua superfície total (dados do INPE-Instituto de Pesquisas Espaciais, 1989) e não 5,12% como afirmou o presidente Sarney. Deste total somente em Rondônia foram devastados entre 180.000 e 200.000 km² entre 1987 e 1988. Foi em Rondônia que Lutzenberger fez observações hilariantes, suficientes para lançar por terra todos os sofismas desenvolvimentistas empregados para justificar o desmatamento em grande escala: "A eficiência da produção é ridiculamente baixa. Na pecuária a produção de carne atinge no máximo 50kg por hectare e diminui rapidamente depois de alguns anos... Em comparação com o norte da Europa, onde a produção de carne aproxima-se de 600 kg/ha/ano, acrescidos de 4.000 a 6.000 litros de leite, nos dá a certeza de que a produtividade é escandalosamente baixa... Outro efeito devastador desses programas, desta vez social, é que eles dão trabalho para uma média de um só operário a cada 2.000 cabeças de gado, quer dizer, por 3.000 hectares ou mais."

Adverte Lutzenberger: 'O índio da floresta é um verdadeiro ecologista. Nossos modelos econômicos o estão exterminando antes que possamos aprender algo com eles'